



apem

# NEWS LETTER

## maio 2014

### **Carta aos sócios**

Debater o ensino de música em Portugal:  
uma questão de democracia

**2**

### **Nós por cá**

Atividades da APEM

**4**

### **Dito e Feito**

Ciclo de Conferências|Debate

**8**

### **De olhos postos**

- Lisbon Jazz Summer School 2014  
- Masterclass de Guitarra na Academia de Música  
de Santa Cecília

**12**

### **Perguntámos a**

Fernando Lapa

**14**

### **Última**

**16**



# Carta aos sócios

## Debater o ensino de música em Portugal: uma questão de democracia

Os referentes que hoje temos em relação à educação e formação artística e musical nos vários planos, modalidades e tipologias em que se desenvolve, são histórica e culturalmente construídas, muitas vezes pouco sustentadas e questionadas “porque aparentemente são muito evidentes”, como diz António Nóvoa, assentes numa determinada representação do que são as artes, as músicas, a cultura, a educação e o exercício de determinada profissão.

Estas representações nem sempre têm sido ou estudadas e debatidas de modo a que, não só se conheçam, mas sobretudo que se perspectivem as diferenças, as complementaridades e se desenvolvam as interdependências colaborativas com geografias de geometria variável que deem corpo às polifonias existentes e contribuam para atenuar as fragmentações existentes. Por outro lado, o debate tem-se centrado num mesmo tipo de questões em que simultaneamente existe excesso do passado e excesso de futuro. Pela importância do que se fez e do que se pode fazer.

O debate que se estabeleceu ao longo do ciclo de cinco conferências, organizado pela APEM, em torno de “A Democracia e o Ensino de Música||O Ensino de Música e a Democracia” vieram colocar questões pertinentes neste reolhar para este tipo de educação e formação artística no século XXI. Reolhar que se pode sintetizar em torno de quatro temáticas principais.

### **O papel do Estado, da sociedade civil e das organizações sem fins lucrativos**

A multiplicidade dos atores sociais, económicos, educativos e culturais envolvidos no neste tipo de formação, que direta ou indiretamente influenciam e interferem no processo político, na decisão, execução e controlo da ação pública, tendem a alterar as relações verticais baseadas apenas na regulação e subordinação, no sentido de um relacionamento mais horizontal em que se privilegia o diálogo, a participação e a diversidade de situações, referenciais e instrumentos de ação política, formativa e artístico-musical.

Esta multiplicidade coloca desafios na esfera pública, criando espaços de negociação que estão para além dos interesses em jogo, fomentando que os atores envolvidos negoceiem uma determinada visão e interpretação da realidade social, cultural e formativa, modos de intervenção apropriados para a resolução de problemas e também potenciando e favorecendo o aparecimento de visões e projetos singulares e plurais que deem corpo às dinâmicas entre as formações, a educação, a cultura, a sociedade, as profissões, a economia e o mercado, num “novo espírito da democracia” de que fala Blondiaux.

### **A territorialização das políticas educativo-artísticas**

Nos contextos complexos e paradoxais das sociedades contemporâneas e das problemáticas existentes nos mundos da formação, das profissões, da educação, da cultura e das artes, as respostas políticas e organizacionais para este campo de intervenção, “não são, nem as melhores nem as únicas possíveis, nem mesmo as melhores relativamente a um contexto determinado. São sempre soluções contingentes no sentido radical do termo. Isto quer dizer largamente indeterminadas e portanto arbitrárias” como escrevem Crozier e Friedberg.

Isto significa que não existe uma maneira correta de organizar e de solucionar determinados problemas. Deste modo, os modelos tayloristas de "one best way", o modelo da burocracia de Weber, dificilmente se adaptam às particularidades deste tipo de educação e formação, e aos dias de hoje. As transformações operadas na relação indivíduo-coletivo-formação-trabalho-sociedade-cultura, implicam um outro olhar sobre o ensino e a formação assente nos territórios, "admitindo a diversidade de soluções, a pluralidade de iniciativas e a variedade das formas, de acordo com as características específicas de cada situação", de cada contexto, como escreve João Barroso. Diversidade e pluralidade assente em localismos cosmopolitas que se alicerçam no reconhecimento das diferenças das práticas artísticas, estéticas e sociais que lhe estão associadas, não as ordenando de um modo hierárquico nem as dissolvendo.

#### **As escolas como centros de cultura e de conhecimento**

Contrariando as lógicas dominantes, as escolas de formação artística e musical têm-se constituído como centros de cultura e de conhecimento, como polos de desenvolvimento artístico-musical dando corpo a uma das propostas que João de Freitas Branco apresentou em 1976 ao Ministério da Educação e Cultura e que nem sequer foi discutida.

E esta assunção apresenta pelo menos um desafio importante: implementar uma perspetiva de organizar o trabalho educativo-artístico de um modo mais denso e complexo, o que implica uma maior cooperação entre as instituições de formação e as instituições culturais, entre os professores e os artistas, entre modos mais formalizados e menos racionalizados de formação, bem como uma maior responsabilidade coletiva no desenvolvimento da educação artístico-musical em que interagem a complementaridade e a diferenciação de pressupostos, projetos e intervenções formativas, culturais e artísticas para a construção de pontes entre as atividades musicais, os recursos, os saberes e as comunidades, pontes entre diferentes culturas musicais, pontes entre diferentes modalidades de aprendizagem entre as quais a formação ao longo da vida.

#### **As práticas artísticas, interpretativas, criativas e investigativas no centro das formações**

Uma das funções da educação artística e artístico-musical é a de ativar os recursos do imaginário e da criatividade e em particular estimular modos de resistência em relação ao fechamento e à reprodução acrítica de modelos e de modos organizacionais e pedagógico-artísticos, de forma a desenvolver a apetência pelo risco do desconhecido. Este trabalho inscreve-se numa situação paradoxal que resulta do facto de serem muitas vezes os obstáculos, os limites, os constrangimentos que permitem o desenvolvimento do trabalho do imaginário. As artes em geral e a música em particular, ao propor novos olhares sobre as realidades existentes, novas abordagens à vida coletiva ou à vida pessoal, são recursos essenciais para a ativação e para a formação dos imaginários, para a invenção de linguagens, expressões e atitudes vivenciais, para novas formas de compreender e criar mundos.

*António Ângelo Vasconcelos*



# nós por cá

## Decreto-Lei n.º 79/2014 - Novo regime jurídico das habilitações profissionais para o ensino: a reflexão e a intervenção da APEM

Em novembro de 2013, a APEM, tendo tido conhecimento do Projeto de Decreto-Lei para a revisão do regime jurídico das habilitações para a docência, elaborou um Parecer sobre a formação profissional dos professores do grupo de recrutamento 610 – Música, tendo enviado o referido Parecer ao Secretário de Estado do Ensino Superior e ao Presidente do Conselho de Reitores dos Institutos Politécnicos.

A este Parecer, estas duas instituições não deram qualquer resposta, nem se dignaram sequer a acusar a sua receção.

O Parecer da APEM foi publicado na APEMnewsletter de Novembro de 2013, disponível aqui:

 [www.apem.org.pt/newsletter/index.html](http://www.apem.org.pt/newsletter/index.html)

No passado dia 14 de maio foi publicado o Decreto – Lei n.º 79/2014 que define o novo regime jurídico das habilitações profissionais para a docência na educação pré-escolar, ensino básico e secundário.

Esta nova legislação não faz qualquer referência ao grupo 610-Música.

Para além da Música no 3º ciclo depois da última reorganização curricular se ter tornado numa remota possibilidade de opção, dado os diversos condicionalismos da gestão dos Mega Agrupamentos, neste novo Decreto-Lei, a formação de professores de Música para o 3º Ciclo do Ensino Básico desaparece e o grupo de recrutamento 610 não é referido.

No número 8 do anexo a que se refere o artigo 4.º do novo Decreto-Lei, para o grupo 250 – Educação Musical – a especialidade do grau de mestre referida designa-se como “Ensino de Educação Musical no Ensino Básico” e os requisitos mínimos de formação para ingresso no ciclo de estudos conducente ao grau de mestre são “120 créditos em Prática Instrumental e Vocal, Formação Musical e em Ciências Musicais e nenhuma com menos de 25 créditos”.

No número 30 do mesmo anexo, o Ensino da Música como especialidade do grau de mestre é remetido para duas notas do referido anexo (1 e 2) que não fazem nenhuma referência a grupos de recrutamento com relação à música, ou seja, 250, 610 ou aos grupos do ensino vocacional da música.

O que pretende o MEC com a opção do desaparecimento do grupo de recrutamento 610 ou com a ausência de qualquer explicação?

Para que servem os mestrados de Ensino da Música referido no número 30 do anexo?

No atual contexto, o que podemos de facto constatar é uma acentuação da instabilidade do lugar da música no currículo do ensino básico genérico público, que se traduz, na prática, por uma quase inexistência no 1º ciclo, por uma existência periférica no 2º ciclo e por uma possibilidade mínima de existência no 3º ciclo tornando-se agora ainda menor, dado o desaparecimento do grupo 610.

Estas opções relativas ao Ensino da Música contrariam as conclusões de toda a investigação internacional credível publicada, relativa aos mais diversos efeitos positivos que o ensino da música tem no desenvolvimento das crianças e que a APEM tem procurado divulgar e chamar a atenção dos decisores políticos.

Mais uma vez a APEM não desiste, acredita no trabalho que os professores de Educação Musical/Música que ainda permanecem nas escolas têm continuado a fazer, e, mais uma vez, solicitou uma audiência ao MEC e à DGE.

Envie-nos também a sua opinião, reflexões e sugestões sobre esta temática.

# nós por cá

**Relembramos que se encontra a decorrer o "1º Concurso de Composição de Canções para Crianças sobre Poemas Portugueses".**



1º concurso  
de composição  
de canções para crianças  
sobre poemas portugueses

Os interessados podem concorrer com o número de canções que desejarem. Cada Canção deverá ter um código próprio de acordo com o Regulamento do Concurso.

[http://apem.org.pt/files/1\\_concurso\\_de\\_composicao\\_de\\_cancoes\\_para\\_crianças\\_sobre\\_poemas\\_portugueses.html](http://apem.org.pt/files/1_concurso_de_composicao_de_cancoes_para_crianças_sobre_poemas_portugueses.html)

"Ponto 3. Requisitos Essenciais

3.1 A composição deverá incluir a melodia da canção com o poema escolhido e os respetivos arranjos/ orquestrações (para qualquer agrupamento instrumental, podendo incluir eletrónica)."

"Ponto 4. Candidaturas

4.1.2 Todos os materiais deverão ser identificados com um CÓDIGO criado pelo candidato (8 caracteres, números e letras)."

O Concurso tem o apoio da Fundação INATEL.



**Termina a 31 de maio o ano estatutário associativo 2013/ 2014**

Entra em junho o novo ano 2014/2015.

Regularize as suas quotas e contribua para o desenvolvimento da nossa Associação.

Pode pagar as quotas através de transferência bancária para o NIB da APEM:

**0018 0000 0060 8889 00136.**

Qualquer dúvida não hesite em contactar-nos.

Agradecemos o envio do comprovativo para o email [apem.educacaomusical@gmail.com](mailto:apem.educacaomusical@gmail.com)





# nós por cá

## Projeto Cantar Mais: gravações em estúdio

Realizaram-se, no dia 16 de janeiro de 2014, no estúdio da Input Produções, as primeiras gravações do “Cantar Mais” com o objetivo de preparar os materiais de suporte ao teste a realizar em contexto de sala de aula, de forma autónoma, pelos professores do 1º ciclo do ensino básico e aferir a funcionalidade dos materiais áudio e pedagógicos. Antecipadamente, e no âmbito desta fase experimental, o trabalho foi desenvolvido com aproximadamente 120 crianças, compreendendo a gravação individual, para análise e compreensão das características vocais, adequação dos materiais didáticos, preparação e uma apresentação pública aberta à comunidade escolar.

Nas gravações em estúdio, orientadas pelo professor Gilberto Costa, com o apoio técnico de Tino Dias, cantaram as crianças: Iara Correia, Humberto Pereira, João Gomes, Leonor Carvalho, Luana Lemos, Madalena Freire, Margarida Ferreira, Ana Lua, Joana Fonseca, Carolina Duarte e Inês Polana, das turmas do 3º ano E, F e do 4º ano B e E da Escola do 1º Ciclo Hélia Correia em Mafra, salientando-se o apoio e estreita colaboração dos professores Rosário Timóteo, Marta Firmino, Elisabete Simões e Carla Matos e dos encarregados de educação das crianças envolvidas, assim como da direção do Agrupamento de Escolas de Mafra.



# nós por cá

No dia 10 de maio outro passo em frente no desenvolvimento do Projeto Cantar Mais!

Fizeram-se mais gravações em estúdio. As alunas da Escola de Música Nossa Senhora do Cabo das classes do professor/maestro Henrique Piloto, Catarina de Castro Corisco, Beatriz Vasconcelos Alves e Matilde Jacinto Caldas da Costa, participaram nestas gravações. As gravações decorreram no estúdio Tcha Tcha, em Miraflores.

O projeto apoiado pelo MEC conta também com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.





# dito e feito.



No âmbito das comemorações dos 40 anos do 25 de abril, a APEM realizou, entre 30 de abril e 21 de maio, o Ciclo de Conferências|Debate subordinado ao tema "A Democracia e o Ensino de Música|O Ensino de Música e a Democracia".

Estas conferências, cada uma com uma temática diferente, foram realizadas no Porto, Minde, Faro, Coimbra e Lisboa e envolveram oradores convidados de áreas de formação e com experiências diversificadas. Procurou-se debater e responder à questão "de que modos se têm estabelecido as relações entre a democracia e o ensino e música e como é que o ensino de música tem contribuído para a construção da democracia?."

Estas conferências|debate, mais do que fazer um levantamento dos constrangimentos e dos problemas existentes nesta relação complexa entre a democracia e este tipo de ensino, pretenderam, a partir do trabalho que existe em todo o país, por um lado, discutir e valorizar o que tem sido construído com o esforço das escolas, professores, estudantes, famílias e comunidades e por outro, perspetivar novos desafios entre a democracia e o ensino de música de modo a contribuir para uma sociedade mais culta e plural.

A 30 de abril, nas instalações do Conservatório de Música do Porto, a conferência teve como tema "Olhares cruzados, formação, investigação e dinamização artística". Participaram como conferencistas: Graça Mota, António Moreira Jorge, Pedro Sousa Silva e Alexandre Santos

## porto





Em Minde, a 3 de maio e enquadrada no 10.º Festival de Jazz de Minde, a conferência centrou-se no tema "A formação, a profissão de músico e a intervenção comunitária no âmbito do Jazz" e teve como oradores Eduardo Lopes, José Miguel Pereira e Ricardo Pinheiro.

# minde



A 7 de maio, no Conservatório Regional do Algarve Maria Campina a conversa decorreu sobre a temática "O ensino da música e o território: descentralizações". Paulo Cunha, José Júlio Sardinheiro e António Alferes Pereira foram os conferencistas convidados.

# faro



Em Coimbra, a 14 de maio e no Conservatório de Música da cidade, Cristina Faria, Manuel Rocha e Paulo Lameiro falaram no âmbito sobre a temática “A formação, a profissão de músico e a intervenção comunitária”.

# coimbra



O Ciclo de Conferências terminou na Escola de Música do Conservatório Nacional, em Lisboa, a 21 de maio, onde se refletiu sobre “Políticas públicas de formação e investigação em música e no seu ensino”. Foram oradores Salwa Castelo-Branco, Cristina Brito da Cruz e Ana Mafalda Pernão.

# lisboa

Ideias que ficaram...

Da riqueza das apresentações, das ideias envolvidas e dos debates que se seguiram, algumas das principais linhas presentes neste ciclo de conferências|debate podem ser resumidas em:

A necessidade de se estar em contacto com a diversidade do mundo e, por esta via, potenciar uma educação e formação artístico-musical abertas às polifonias sociais, culturais, estéticas, artísticas e técnicas existentes;

A importância de, por um lado, ultrapassar as diversas resistências para levar determinados projetos para a frente e, por outro lado e mais relevante, apostar na singularidade, encontrando modos de olhar e de fazer diferenciadores que “não dupliquem o mesmo do mesmo” e daí encontrar espaços de ação educativa e artística capazes de não só darem respostas aos desafios da contemporaneidade, como também criarem pontes para práticas artísticas reconfiguradas, que aliem a tradição, a memória, a história e a inovação.

As dificuldades de lidar com as políticas públicas emanadas do poder central, caracterizadas por ausências e desfasamentos vários, tais como, da visão e articulação entre diferentes componentes do sistema que constitui este tipo de ensino, da legislação e regulação que o enquadram, dos orçamentos disponibilizados e das mudanças pouco preparadas. Ausências e desfasamentos causadores de “múltiplos problemas”, em vez de os procurar resolver, e “obrigando a duplicação de esforços”.

A importância da investigação e da produção do conhecimento para a compreensão dos fenómenos artísticos e educativos, possibilitando uma intervenção mais fundamentada. Contudo, a investigação no campo artístico e criativo, apresenta características e procedimentos diferentes do modelo dominante da academia.

A diversidade de saídas profissionais no âmbito da música e a capacidade e engenho dos jovens de procurarem e inventarem os seus percursos profissionais implicam estruturas curriculares e programas que incentivem a criatividade e a contemporaneidade.

A proliferação da oferta de formações e de cursos sem que haja um trabalho e um debate acerca das redes, dos currículos e dos programas implica combater a fragmentação existente no âmbito da formação artística e musical através da articulação entre as diversas instituições de formação, de investigação e de produção, incorporando modalidades diferenciadas de colaboração que partam das pessoas e das instituições, das suas realidades e práticas em concreto.

A relevância da intervenção nos media e através dos media de modo a contribuir para uma maior visibilidade social, cultural do bom trabalho que de norte a sul e ilhas se desenvolve no âmbito da formação, da criação, da investigação e da intervenção artística na comunidade, no quadro do ensino da música ao nível do ensino básico, secundário e superior.

A mudança organizacional em que de escolas como “organizações fechadas sobre si próprias” se tem passado para um outro tipo de organização pensada como centro de cultura, de conhecimento e de dinamização artística e musical e, por outro lado, o modelo centralizado e piramidal tem dado lugar a um outro centrado na metáfora do “arquipélago de ilhas” que, não perdendo a sua individualidade, entram em contacto umas com as outras.

A pertinência de se reolhar para a formação de professores e para formação de músicos no contexto de novos paradigmas existentes nas práticas e nas intervenções artísticas contemporâneas aliando, no caso dos professores, os saberes musicais aos pedagógicos e didáticos.

A importância dos poderes públicos, em particular do papel do Estado como instigador e regulador do trabalho formativo e artístico apoiando a diversidade de iniciativas, o fomento da cultura e da criação musical portuguesa e criando mecanismos que possibilitem que o exercício da profissão de músico não fique unicamente dependente dos mecanismos de mercado. Em particular a importância da articulação política e de ação governativa entre os serviços dos ministérios da educação e da cultura.

Em síntese, este primeiro ciclo de conferências|debates, veio realçar um conjunto de ideias que, embora já existentes no terreno, necessitam de um maior aprofundamento numa rede de interdependências colaborativas que se podem traduzir nos seguintes conceitos chave:

Singularidades – criatividade – territorialização das políticas – territorialização das formações – investigação, produção e divulgação do conhecimento – intervenção artística e comunitária – trabalho articulado entre pares – trabalho em redes – aprendizagem musical ao longo da vida – inserção profissional diversificada – adequação da formação de professores de música ao contexto atual – internacionalização – incremento da música portuguesa nos currículos.

Todas as intervenções serão publicadas na Revista de Educação Musical n.º 140 (2014)

**dito  
e feito.**



# de olhos postos

**Na 5ª edição da Lisbon Jazz Summer School 2014 que irá acontecer no CCB.**

O Jazz está cada vez mais a criar raízes na educação e formação musical dos jovens.

O Férias com Jazz e o Curso de Verão são já em julho e as candidaturas são até 2 de junho!

Vale a pena saber sobre o que se faz, para quê e para quem!



fotos: João Godinho

Na 5ª edição da Lisbon Jazz Summer School 2014 que irá acontecer no CCB.

O Jazz está cada vez mais a criar raízes na educação e formação musical dos jovens.

O Férias com Jazz e o Curso de Verão são já em julho e as candidaturas são até 2 de junho! Vale a pena saber sobre o que se faz, para quê e para quem!

O Férias com Jazz tem como objetivo estimular o gosto pelo jazz e pela improvisação entre os mais novos.

O Curso de Verão conta com a direção pedagógica do compositor e pianista argentino Guillermo Klein, que irá coordenar um Curso de Composição para Ensemble Jazz, e é dirigido a músicos profissionais e a estudantes avançados.

O que se vai passar no Curso de iniciação ao Jazz de 20 a 27 de julho no CCB?

Os estudantes de música entre os 12 e os 15 anos, de qualquer instrumento podem entrar de “férias com jazz” e mergulhar na experiência única de improvisar e fazer música em conjunto. Ao longo de uma semana orientada por um grupo de excelência de músicos de jazz, com vasta experiência de formação, haverá aulas práticas de improvisação, instrumento, combo, big band, secção rítmica, entre outras atividades musicais de aprendizagem da linguagem jazz.

E no Curso de Composição para Ensemble Jazz?

De 19 a 26 de julho, para estudantes avançados e músicos profissionais, a partir dos 16 anos Guillermo Klein, compositor e pianista argentino que a Lisbon Jazz Summer School convidou para dirigir este primeiro Curso de Composição para Ensemble Jazz realizado em Portugal, tem conquistado a admiração da comunidade musical, tanto pela sua liberdade e genialidade criativa, como pelo seu carisma enquanto pedagogo.

Os músicos que participarem no curso formarão um ensemble que será também campo de experimentação para as suas composições.

No final da semana, o ensemble subirá ao palco do Pequeno Auditório do CCB, num concerto aberto ao público. Aqui os participantes apresentar-se-ão enquanto compositores e intérpretes.

Toda a informação em:

 <http://www.lisbonjazzsummerschool.org/>

 <http://www.ccb.pt/sites/ccb/pt-PT/Programacao/ConferenciasResidenciasMasterclasses/Pages/inscricoeslisbonjazzsummerschool22014.aspx>



foto: João Godinho

## Na Masterclass de GUITARRA com **Dejan Ivanovich** nos dias 25, 26 e 27 de junho na Academia de Música de Santa Cecília.



O guitarrista croata Dejan Ivanovich, nasceu em 1976 é criador e foi diretor artístico do Festival Internacional de Guitarra Clássica "Guitarmania" em Lisboa até 2010.

Tem atuado nalguns dos mais prestigiados festivais de música tais como o Spoleto Festival, Festival de Verão de Edimburgo, Festival da Costa do Estoril, Festival de Guitarra de Gevelsberg, Porto – Capital Europeia da Cultura e "Guitarra Viva" (Zagreb - Croácia, entre outros).

É professor de Guitarra Clássica no Departamento de Música da Universidade de Évora onde atualmente frequenta o Curso de Doutoramento em Performance Musical sob o tema "Colaboração entre Compositor e Intérprete na Criação da Obra para Guitarra", orientado pelo Professor Christopher Bochmann.

Esta Masterclass destina-se a instrumentistas e alunos dos níveis básico, secundário ou superior. Os candidatos poderão inscrever-se como executantes ou ouvintes.

Para mais informações, contactar a Academia de Música de Santa Cecília, através do email: [natalia.lourenco@amsc.com.pt](mailto:natalia.lourenco@amsc.com.pt)



# perguntámos

**Fernando Lapa**, compositor, professor de Análise e Técnicas de Composição no Conservatório de Música do Porto e de Composição na ESMAE, membro do júri do "1º Concurso de Composição de Canções para Crianças sobre Poemas Portugueses" promovido pela APEM com o apoio da Fundação INATEL, responde-nos a questões relativas à composição para crianças.

**P.: De que se fala quando falamos de música para crianças e jovens?**

R.: Tenho a convicção de que a arte é para todos, mesmo todos, sem distinções de idade, de estatuto, cultura, raça, credo, opção política. Isto é para mim um princípio de pensamento e de ação. Por isso partilho com muitos outros a convicção de que quase todos se podem relacionar com quase tudo, variando a intensidade, o grau, o envolvimento. Tenho mesmo alguma dificuldade em dizer até onde consegue chegar uma criança ou jovem, e a partir de que idade é que se é "adulto" no relacionamento com a música... Isso depende de tanta coisa! Costumamos situar a música para crianças num registo de maior simplicidade técnica, num grau de menor elaboração, mas este critério é tão falso tantas vezes! Algumas das músicas mais fascinantes (ou quadros, poemas, filmes) são de uma simplicidade desarmante. Falam a toda a gente.

Também é costume identificar a música para crianças com temáticas específicas, mais voltadas para o mundo dos mais pequeninos, muitas vezes dentro de um enquadramento politicamente correto, onde por isso mesmo abundam as contradições. As crianças não são "adultos", claro, mas muitas das canções que por aí andam remetam-nas para um estágio quase larvar, de incapacidade e de elementaridade.

A música para crianças vai ultrapassando pouco a pouco esse formato simplista, estereotipado e pobre, renovando práticas, diversificando propostas, alargando linguagens, processos, meios. Mas continua a ser necessário fazer bastante mais e melhor para mudar esse registo e alargar o espectro das propostas e práticas.

Quanto a mim, as maiores condicionantes na criação de música para os mais pequenos têm a ver com formatos, extensão e densidade. Ora, isso quase nunca tem a ver com questões de simplicidade ou complexidade, mas sobretudo com a capacidade de concentração das crianças e com a adequada gestão do tempo e de outros recursos. É óbvio que os meios são sempre elementos condicionantes, mas o mesmo se aplica a qualquer disciplina artística em qualquer outro contexto.



foto: Paulo Pimenta



**P.: Porque é que um compositor escreve música para estas faixas etárias?**

R.: Faço música para quem gosta de ouvir, interpretar, brincar, pensar. Escrevi poucas peças especificamente para crianças ou jovens. Não as fiz por decisão própria, antes como resposta a convites que me fizeram (Gambozinos; Fundação Castro Alves, em Bairro, Famalicão; os coros dos mais novos, no Conservatório de Música do Porto; ou, muito recentemente, o Coro dos Pequenos Cantores de Esposende.) Como essas peças foram escritas para grupos muito definidos e particulares, têm em conta as características e enquadramentos próprios de cada situação e projeto. Eu gosto muito disso, de escrever para alguém. Não penso nisso como uma limitação, mas como um enquadramento, um desafio, um contexto. Uma forma de ser com os outros. E tenho o retorno: tratam-me sempre muito bem.

Também fiz música para vários contos de diversos escritores, em resposta a outros tantos convites, encomendas ou pedidos: "A lágrima e a estrela" (Mia Couto), "Homero" (Sophia de Mello Breyner Andresen), "Bendita, a bruxa má" (João Negreiros) e "Como nasceram as estrelas" (Clarice Lispector). Mas nenhuma destas peças foi composta a pensar exclusivamente no público infantil, muito embora sejam as crianças os destinatários naturais dessas peças.

Algumas das minhas peças instrumentais nomeadamente para piano ou para coro, entre outras, têm como destinatários instrumentistas mais jovens; e uma série de 13 peças para guitarra, compostas mais recentemente a partir de canções tradicionais, destinam-se a jovens estudantes de música.

**P.: Quais as principais questões de natureza técnica, artística/estética (ou outras) a que se pretende dar resposta?**

R.: Alguns aspetos técnicos determinantes poderão alinhar-se aqui: ter em conta as características das vozes das crianças, em termos de registos, de expressividade, de respiração, de capacidade de domínio dinâmico, de leitura ou memorização. O mesmo se diga em relação a peças instrumentais: o tamanho das mãos, a dimensão dos instrumentos, a agilidade... Assim, em termos gerais podemos dizer que se procura uma adequação dos recursos musicais às características físicas, técnicas, expressivas das crianças e jovens.

Mas o mais importante é de outra ordem. Procura escrever-se uma música: que pareça ter sido feita por quem a canta ou toca, como voz pessoal, única; que traga algo do que já se sabe fazer, mas sobretudo aquilo que ainda tem que se aprender; que ajude a abrir os horizontes musicais das crianças; que ajude a renovar processos, técnicas e formas de pensar e fazer; que estimule o trabalho bem feito, a qualidade; que ajude a crescer, a ser; que ajude a pensar; que ensine a aprender; que ajude a inventar; que valorize bons textos ou se abra a outras artes, em sintonia; que se emocione; que possa ser expressão do outro/dos outros; que estimule o gosto de cantar e tocar; que valorize o trabalho conjunto; que partilhe a beleza.

Estas são algumas das responsabilidades da arte e da música. São grandes e pesadas. Mas estas são sobretudo as condições de uma escrita musical para os mais pequenos. Onde as exigências são maiores, porque não temos o direito de falhar: as crianças exigem-no. Elas esperam que sejamos perfeitos. Elas merecem que sejamos perfeitos. Este não é um trabalho menor, um trabalho qualquer. Bem pelo contrário, este é o trabalho mais difícil e mais exigente. Fazer uma obra perfeita, com o máximo de expressão e de simplicidade, tal é o desafio (que não se deve entregar a amadores...) Se não somos nós, quem o fará?

**Fernando Lapa**



# A APEM EM COIMBRA

## AÇÕES DE FORMAÇÃO CREDITADAS

### *"Orquestração para Instrumental Orff"*

Local: **Escola Superior de Educação de Coimbra**

Formadora: **Professora Isabel Carneiro**

Destinatários: **grupos M28 a M32, 250 e 610**

Duração: 25h (1 u.c) Datas: 30 de junho, 1, 7 e 8 de julho, 2014

Valor das inscrições:

Até 23 de junho//Sócios da APEM 65€ • Não sócios - €85

### *"A Motivação e a Metacognição na Aprendizagem Musical"*

Local: **Conservatório de Música de Coimbra**

Formador: **Professor Francisco Cardoso**

Destinatários: grupos M01 a M36, 250 e 610

Duração: 25h (1 u.c) Datas: 2, 3, 9 e 10 julho.

Valor das inscrições:

Até 24 de junho// Sócios da APEM - €65 • Não sócios - €85

Mais informação em: [www.apem.org.pt](http://www.apem.org.pt) 



#### **Associação Portuguesa de Educação Musical**

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36, 1º Dto. 1070-087 LISBOA

de 2ª a 6ª feira  
das 10h às 12.30h e das 14h às 17.30h  
Tel. e Fax **213 868 101**  
Tm. **917 592 504 / 960 387 244**  
[apem.educacaomusical@gmail.com](mailto:apem.educacaomusical@gmail.com)

#### **Ficha Técnica**

Conceção e edição: **Direção da APEM**

Conceção gráfica: **Henrique Nande** <http://storyllustra.blogspot.pt>

Colaboram neste número:

**António Ângelo Vasconcelos, Ana Venade, Carlos Gomes, Manuela Encarnação, Henrique Piloto, Gilberto Costa, Fernando Lapa**

Contacto: [apem.news@gmail.com](mailto:apem.news@gmail.com)



associação portuguesa de educação musical